

DETALHES

Depois do almoço que ofereceram em palácio a um grupo de escritores, o presidente Café Filho contou vários detalhes dos acontecimentos de agosto.

Falou, por exemplo, de sua entrevista com o presidente Vargas, quando lhe foi levar sua proposta de renúncia dupla. O sr. Vargas parecia muito desanimado, e ouviu a proposta com atenção e aparente simpatia. À certa altura perguntou-lhe se ele estava fazendo aquela proposta por sugestão de alguém, e que pessoas tinham conhecimento de sua atitude. Respondeu que a idéia era sua mesma, e dela só dera conhecimento aos ministros militares e ao sr. Capanema. Achava a situação insustentável; ele e o sr. Vargas renunciariam, o presidente da Câmara assumiria o poder para que o Congresso dentro de um mês escolhesse o novo presidente. O sr. Vargas participaria das combinações para a escolha de candidato; o sr. Café pediu-lhe uma sugestão nesse sentido.

O sr. Vargas observou que se sentiria melhor substituído pelo próprio sr. Café Filho que por uma terceira pessoa, mas o sr. Café ponderou que, tomando a iniciativa dos entendimentos, ele não poderia ser candidato. Várias vezes durante a conversa o sr. Vargas disse que estava disposto a se retirar para sua estância; o que não admitiria de modo nenhum era ser humilhado ou desrespeitado. No fim da conversa disse que iria pensar no assunto e consultar algumas pessoas.

O sr. Café Filho retirou-se do palácio certo de que sua proposta seria aceita. Quando voltou, porém, no domingo, encontrou o sr. Vargas com outra disposição de ânimo. O ambiente no palácio era carregado; as pessoas com que o sr. Café Filho falou antes de ser recebido pelo presidente estavam preocupadas e nervosas, e o sr. Benjamin Vargas armado de metralhadora; um oficial parente do sr. Vargas andava de um lado para outro dizendo que a situação só se decidiria a bala. O marechal Mascarenhas estava em conferência com o presidente; quando ele saiu, várias pessoas da família Vargas entraram no gabinete do presidente, e o sr. Café Filho ficou esperando sozinho em uma ante-sala. Ao passar por ele, d. Alzira lhe perguntara, em tom de pilhéria, se ele já tinha vindo assumir o poder, ao que ele respondeu, no mesmo tom, que não, porque naquele momento estava muito cansado.

Depois de esperar uns dez minutos, o sr. Café Filho teve ordem de entrar; o sr. Vargas já estava sozinho, mas com o ânimo completamente mudado. Disse não aceitar sua proposta; em 45 renunciara, mas desta vez era presidente eleito e cumpriria seu mandato até o fim; se o quisessem forçar resistiria, e estava disposto a derramar seu sangue para defender o que entendia ser sua dignidade. O sr. Café Filho ainda lhe fez algumas ponderações, mostrando que a resistência não teria nenhuma "chance", mas o sr. Vargas declarou que tinha tomado sua resolução. Diante disso o sr. Café despediu-se do presidente, agradecendo a deferência com que este sempre o tratara, e ouvindo também palavras de cortesia. O sr. Vargas estava profundamente triste, com ar dramático. O sr. Café Filho não voltou a vê-lo.

Na manhã de sua posse, o sr. Café Filho, em vista da situação incerta criada pelos distúrbios na rua, disse à sua senhora: "Você me prepara o fraque e um pijama, pois não sei se vou para o palácio ou para a cadeia".

Pouco antes da posse, temendo, pelo fato de estar sua casa cheia de gente que aparcessem ali manifestantes desesperados pelo suicídio do presidente e houvesse alguma alteração, encarregou um amigo íntimo de ir apanhar sua família e levá-la para algum outro lugar. Quando esse amigo (o sr. Raimundo de Brito) foi cumprir a missão, a senhora do presidente perguntou:

— Mas o João foi preso?

— Não; está se empossando.

O ministro Epaminondas, que não chegou a ser ministro, foi demitido de boca. Quando apresentou seu pedido de demissão o presidente concordou, e pouco depois disse que já assinara o decreto. Na realidade não o fizera, pelo simples motivo de que não havia papel no palácio de Laranjeiras.

Só à tarde o decreto foi escrito e assinado — e o "Épa" legalmente deixou de ser o que nunca fora de fato.

25-9-54 R. B.

156